

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2320

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 25 DE JUNHO DE 1925

A população tratada como vencida e condenada às prescrições do Código Militar

O sr. António Maria da Silva foi esmagado pelo movimento geral de repulsa de todo o país—só assim se explicam os ataques de repulsa do chefe do partido republicano, que mais votos obtem, devido à sua influência entre os proprietários, lavradores e capitalistas da província, não fosse necessário disparar um tiro—nem mesmo para o ar.

Venceu a revolução feita pela tropa? Evidentemente que não, visto que ela desde Melgaço até ao Cabo de Santa Maria não teve com quem bater-se. A vitória foi pois da população, de toda a população, menos o Directorio do P. R. P. e uns vagos farmacêuticos ambiciosos, — era justo que a ela fosse reconhecida a sua condição de única vencedora—e de vencedora que não deu uma só exigência, talvez por lhe repugnar um triunfo que conquistou apenas por ter cruzado os braços. A população não quiz recolher benefícios, decerto por entender que seria indecoroso conquistá-los sem esforço—ela que está habituada a obter nas barricadas os direitos que os poderosos sistematicamente lhe têm negado.

Afigura-se-lhe pois a ela—e com inteira e indiscutível razão que nem os monárquicos redactores do órgão «republicano» a *Revolução Nacional* lhe podem negar—que é, mais do que uma tremenda injustiça, o maior dos absurdos ser tratada como vencida, pelos homens que pelo concurso das combinações, a que foram extranhos quasi todos os que acamparam em Sacavem e na Amadora, treparam as cadeiras do Terreiro do Paço. E foi, portanto, com doloroso espanto, que leu nos jornais que tinham sido postas em vigor as disposições dos códigos militares, existentes apenas em tempo de guerra.

A população não se compõe de filiados do partido democrático—porque se assim fosse esta vitória

não se teria operado e os vencedores de agora, estariam como em 18 de abril, aterrorizados suavemente no forte de S. Julião da Barra.

A população compõe-se de criaturas que detestavam em António Maria da Silva os abusos do poder, a corrupção e mais do que tudo isso os ataques flagrantemente e continuos aos seus direitos. Foram exactamente as violências do poder que a incompatibilizaram com o homem que ela arrojava, enojada, do Terreiro do Paço para fora. As violências são sempre o calcanhar de Aquiles dos governos—é devido a esse ponto vulnerável, que eles rolam para não mais se levantarem—e isto sabem-no todas as pessoas, mesmo fardadas, que conheçam, por alto, história política.

Os detentores actuais do poder, tratando a população como vencida e trocando a justiça civil pela dos códigos militares, dão a impressão clara de que estão procurando reunir, numa intenção suicida, todos os factores que a podem fazer rapidamente agonizar.

O partido democrático tem conseguido triunfar sempre dos seus adversários devido à circunstância destes últimos orientarem pelo ódio os seus pensamentos e os seus actos. O ódio destrói—e destrói os que o arvoram em guia de conduta. A violência provoca a violência. É a maior incitadora. E a população vendo-se tratada pela violência que emana dos códigos militares, revoltada pelas buscas domiciliárias que constituem uma ofensa à intimidade do lar, que encerram o habitante no seu próprio quarto de dormir, que lhe cerceiam todos os direitos e o arrastam para a infâmia sem nome dos julgamentos sumários—entrega-se a pensamentos que nós não podemos exprimir por causa da censura—mas que a censura não pode impedir porque escapam a toda a acção coercitiva.

Notas & Comentários

Simbolo eloquente

Num palácio de tradições aristocráticas realizou-se anteontem, uma tourada em que tomaram parte vários Marialvas mais ou menos monárquicos e um espanhol que para aí anda vivendo à custa dum réclame suave—D. António Cañero.

A tourada assistiram o governador civil e o general Gomes da Costa, além de outras autoridades. Nas barbas dessas autoridades todas, matou-se um touro, selvagem esta que as leis expressamente proibem.

Em face disso somos forçados a considerar que nesta situação, para se cometerem selvagens as leis são espezinhadas, com a concordância e com o aplauso das ordens entidades que têm o encargo de as defender.

Há também que convir que a morte do touro—é um simbolo da repressão bárbara que se está operando.

Viva a disciplina!

A actual situação política, segundo os seus mais exaltados panegiristas, repousa no exército, considerando-se que a sua disciplina deve servir de incentivo à disciplina da população civil.

Pois desde que ela existe a tropa toma, sem consulta do ministro da Guerra, as atitudes que entende e publica as ideias mais diferentes e opostas. Além disso, durante ela, já se produziram quatro insubordinações, três em Lisboa e uma em Lamego. E como se a lista não fosse suficientemente longa e suficientemente elucidativa, anteontem dez oficiais do exército esbofetearam-se com fúria. Sabem onde? A porta do ministério da Guerra.

É para que o incidente fosse mais significativo do respeito pela disciplina, surtiu outro official que mandou prender um dos que se envolveram em pancadaria, por dois soldados, quando o regulamento aconselhava para esse facto um official da mesma patente.

Porcos nos que desta vez o mundo vem abaixo com tanta disciplina—demonstrada nos eloquentes factos a que nos referimos.

A subtilidade das «Novidades»



O jornal republicano, subvertendo a condição requerida pela censura que não consente espaços em branco publicou uma caricatura em que se vê um sujeito fardado, com nariz carnavalesco, a dançar com uma colareira hexágona de coroa real à cabeça. As Novidades não lhe quiseram ficar atrás e para suprimir o espaço em branco esperaram com um São João Baptista em trajes menores, de pernas cabeadas e com um caceté na dextra. E para disfarçar a medida da censura acrescenta uma legenda estopante ao boneco, dizendo que «ele profligava os vícios do seu tempo com o

A «Batalha» vai ser hoje julgada na Boa Hora por atacar a Boa Hora

É hoje que se realiza, pelas 12 horas, no 3.º Distrito do Tribunal da Boa Hora, o julgamento da *Batalha* pelo grande e horrível crime desta ter inserido nas suas columnas um artigo que, sob o titulo «A Moralidade dos Juizes da Boa Hora», afirmava que a magistratura curvando-se à policia se degradava, descendo à última abjeção. Afirmação—e continua afirmando, embora a Boa Hora nos ameace com o seu banco dos reus e com o contacto repelente daquele edificio onde os parasitas têm o seu mais importante e glorioso viveiro, visto que nele a hygiene é quasi uma coisa atentatoria e subversiva.

A «manhã», pela sentença, os leitores ficarão conhecendo a moralidade dos juizes da Boa Hora que a *Batalha* evocou em detrimento dos sabres policiaes, quando estes se ergueram insolente e indignadamente contra a existência jurídica da sociedade, só para continuarem espancando presos, que o eram sem culpa formada.

Vai ser um espectáculo interessante o julgamento da *Batalha* por esta ter protestado contra a prepotência policia exercida contra as togas negras, que estão ao abrigo de disposições contra os quais os civis iletrados nada tinham que obtemperar.

O novo ministério francês tem uma maioria composta de radicais e radicais-socialistas

PARIS, 24.—A composição do novo ministério, ontem constituído, é a seguinte: presidente e estrangeiros, Briand; finanças e vice-presidência, Caillaux; justiça, Laval; interior, Jean Durand; guerra, general Guillaumat; marinha, Leygues; instrução, Nogaro; comércio, Chapsal; trabalho, Daniel Vincent; agricultura, Buret; colónias, Perrier; trabalho, Durafor; Pensões, Jourdain. Os sub-secretários de Estado são os seguintes: presidência, Danielou; finanças, Pietri; orçamento e tesouro, Dubou; aeronautica, Larent Eynac; marinha mercante, Vélude; regiões libertadas, Dutreil; instrução técnica, Ramell.

O ministério é composto por radicais, radicais-socialistas e quatro moderadores. Espera-se que o novo governo faça a sua apresentação nas Câmaras na próxima terça-feira, apresentando imediatamente os seus projectos em matéria financeira, para cuja execução o governo pediria à Câmara plenos poderes.—H.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

O dr. Martinho Nobre de Melo, entre os bocejos dos assistentes e os cupidos olhares de algumas senhoras, defendeu ontem, numa conferência, um ditador para Portugal e a aliança entre operários e patrões

A Encruzilhada de Nuno Alvares convidou o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, aquele histórico professor da Faculdade de Direito que mais tem exaltado o sindicalismo organico, a realizar uma conferência sobre a actual situação politica.

A referida conferência foi marcada para a Sala Portugal da Sociedade de Geografia e teve lugar ontem, ante uma numerosa concorrencia.

A entrada na Sala Portugal era acessivel apenas aos possuidores de cartões fornecidos pela Encruzilhada, os quais anunciavam que o general Gomes da Costa assistiria à conferência.

Porém, às 22 horas o presidente do ministério ainda não tinha apparecido, nem qualquer membro do governo.

Entretanto o nervitico conferente, no átrio da Sociedade de Geografia, conversava placidamente com alguns amigos sobre o sindicalismo do Estado, uma das principais obsessões que agita o pequeno cérebro do professor.

Como nem o general Gomes da Costa nem qualquer ministro apparecesse, o dr. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, em nome da Encruzilhada Nuno Alvares, declarou aberta a sessão.

A Sala Portugal, neste momento, estava repleta de assistentes, na sua maioria pequenos da Faculdade de Direito, officiaes do exército, comerciantes, insinuantes damas que ensaiavam flirts, gente da Encruzilhada e conhecidos monárquicos.

Foi com a assistência de tão selectas pessoas que o dr. Martinho, depois do dr. Pedro José da Cunha ter feito o seu elogio—«é tão simpático», iniciou a sua conferência.

Logo de entrada o engraçado professor da Faculdade de Direito disse que estamos em presença de uma ditadura militar, saída de uma revolução.

Como é de calcular, o auditório ficou surprehendido com a nova do dr. Martinho Histórico de Melo.

Depois o orador afirmou que não devemos ter receio dessa situação e que devemos falar sempre que o país careça do nosso verbo.

E nestas profundas divagações, o dr. Martinho, sempre devorado pelos cupidos olhares de algumas damas, falou durante alguns minutos numa voz tão terna e tão meiga que julgámos estar em presença duma feminista.

A certa altura operou-se no orador uma perfeita metamorfose. De sereno e cândido que era, o seu verbo tornou-se agreste e percutiente.

É que o dr. Martinho de Nobre ia occupar-se da questão social.

Nesses termos proferiu as seguintes frases:

—Temos que fomentar a produção nacional modernizando-a, arrancando dela o melhor para a economia do país.

Depois com veemência:

—Para fomentar a produção não precisamos de baixar os salários aos operários. Mesmo para provocar a baixa do custo da vida não é mister diminuir os salários.

E acrescenta:

—A situação do operariado, sob o ponto de vista económico, deve manter-se ou melhorar-se quanto possível. Quanto maior for a capacidade de compra do proletariado maiores serão também as vantagens para a economia do país.

Alguns dos circunstantes bocejavam neste momento. As doutrinas do moderno George Valois provocavam-lhes calafrios, apesar de serem absolutamente sensatas.

Mas esses circunstantes logo tranquilizaram quando do conferente se ouviram as seguintes frases numa graciosa voz:

—Temos uma grande obra a realizar. A imposição da paz social, que só se conseguirá com a verdadeira organização do trabalho.

Os circunstantes continuavam bocejando. Outros cabeceavam. O dr. Martinho dispôs-se a romper com aquela modorra. Nesse sentido risca heroicamente as seguintes palavras:

—Para conseguir essa organização a ideia da luta de classes tem que desaparecer. Temos todos que advogar a colaboração de classes, isto é, o perfeito entendimento entre operários e patrões. Sem isso se conseguir não há nada feito.

Um dos assistentes:

—Mui...to... apoi...ado...
O conferente falou depois sobre o Parlamento dizendo da Assembleia Nacional o que Mafoia não disse do toucinho. Uma frase:

—A burla do parlamento tem que terminar. A mentira ignóbil do sufrágio universal tem que desaparecer.
O problema que passa a preocupar as atenções do dr. Martinho é o da economia. Nesse sentido o conferente fala-nos da grande batalha dos trigos, dos carvões, dos algodões e doutras batalhas que acabam em des...
Depois occupa-se do orçamento do Estado afirmando que um dos maiores cancores do país é o funcionalismo. Um comentário do orador:
—Portugal possuindo 6 milhões de habitantes tem 65.000 funcionários. O Japão tendo 75 milhões de habitantes conta-se com 70.000 funcionários.
Como o auditório manifestasse um certo enfado o Martinhinho contou uma anedota. Disse que um orador ateniense demonstrou a uma assemblea que pouco o escutava que ás plateias empolga-se mais as coisas frívolas do que os interesses do país.
O orador voltou a occupar-se da situação do operariado defendendo o mesmo principio de há pouco: nada de redução de salários.
Occupou-se em seguida o dr. Martinho do orçamento do Estado produzindo esta

afirmação que foi mal recebida por alguns dos officiaes do exército que estavam na sala:

—A compressão de despesas tem que começar pelo exército, reduzindo-lhe os seus effectivos, pois elle só serve para guardar as costas aos politicos venais.

O conferente fala depois sobre o que deve ser o programa do novo governo e as medidas que elle deve adoptar para salvar o país, e sobre a personalidade de Mussolini, a quem considera o salvador de Itália.

São 23.30 horas e parte da assistência começa a debandar. A conferência de monotona torna-se insuportavel. E a retirada vai-se operando enquanto o dr. Martinho Cruzado de Melo entra na segunda parte da sua conferência.

A segunda parte da conferência estava epigramática: «Problema Social».

Neste capitulo o conferente dissertou largamente sobre o sindicalismo do Estado, asseverando que todos somos sindicalistas mesmo sem defender a luta de classes.

Uma tirada que vale um poema:
—Foi utopia do liberalismo restringir o sindicalismo ao terreno económico. O sindicalismo moderno tem que possuir capacidade politica.

E logo a seguir:
—Temos que integrar o sindicalismo no Estado, sem que contudo deixemos que o sindicalismo seja um instrumento revolucionario nas mãos do Estado.

O orador fala depois sobre o que se passa em Itália no que concerne ao sindicalismo, defendendo a teoria de que aos sindicatos só deve dar-se personalidade juridica para elitos de colaboração e de contratos de trabalho. Fora desse ambito o sindicato não deve existir.

O dr. Martinho falou durante alguns minutos sobre o sindicalismo do Estado, aduzindo, em reforço da sua opinião, vários argumentos à que o auditório votou uma fria indiferença.

O crepúsculo da conferência começa a aproximar-se. E o dr. Martinho, num timbre de voz muito agudo, cantou a aria do ditador português. Apenas uma frase.

—Este Portugal infeliz, este Portugal de tão heroicas tradições reclama uma mão forte, uma mão imperial que o salve, a mão de um homem que não tenha medo de a sua cabeça role dos ombros abaixo.

Na sala produziu-se um grande ruído. Algum inventou que chegava o general Gomes da Costa. Afinal o general não appareceu e o dr. Martinho termina a sua conferência entre largos bocejos de alguns dos assistentes e ternos olhares de algumas damas.

Informação de fonte autorizada

O *Correio da Manhã*, enquanto os fados não mudarem, é o jornal de mais segura e discreta informação. Acreditamos que assim seja, e dizemo-lo sem intuito de réclame, apesar de a nossa administração ter proclamado o estado de sítio na nossa primeira página, mandando para cá as suas tropas negras.

Não acreditamos, porém, na infalibilidade dos videntes, cartomantes e astrólogos. E, porisso, sem favor para a causa monárquica, nem para a causa republicana, nem para causa alguma, vamos transcrever uma informação que o *Correio da Manhã*, ontem, publicava em artigo de fundo, com letras muito negras:

«A Monarquia nada espera e nada quer neste momento do exército, senão que cumpra o seu dever patriótico, já que se aventurou em tão arriscado lance.

«A Monarquia sabe que a sua hora há-de chegar, infelizmente cedo para ela, infelizmente tarde para o País.

«Há-de chegar, não nas pontas das espadas, nem no âmago das listas, mas pela força intrínseca das coisas, pela lógica inexorável dos acontecimentos.»

Não sabemos porque simbolismo, esta informação vem assinada por *Visconde do Banho*. E que *banho* virá a ser? Apenas sabemos que o artigo em questão se intitula: «Sine qua non». Os monárquicos, assim, supõem que desta vez não perderão o seu latim...

Ao invés de Portugal

LONDRES, 24.—Alguns barcos de pesca a vapor partiram com destino à Terra Nova, transportando mantimentos afim de socorrerem os indigentes. Notícias vindas da Terra Nova dizem que é grande a quantidade de gelo, no norte no país, não havendo memoria, nestes ultimos dez anos, de se ver facto igual. (H.)

Atitude de escravo

LONDRES, 24.—O governo malaio ofereceu um subsidio de dois milhões de libras esterlinas para as fortificações da base naval de Singapura. O governo britânico aceitou o offerecimento.—(L.)

O judeu errante...

PARIS, 24.—O rei de Espanha, na sua viagem a Inglaterra, demorou-se há três dias em Paris, visitando no sábado a Academia de Belas Artes.—(L.)

PELOS HOSPITAIS CIVIS

Para que cesse a tragédia de alguns funcionários impõe-se que os serviços hospitalares sejam reorganizados de harmonia com a moderna tendência

Numa fugidia análise apreciámos ontem as condições de inferioridade em que a Reforma Lobo Alves colocou os escripturários pertencentes às divisões aggregadas à Secretaria Geral dos Hospitaes Civis de Lisboa.

É mister dizer agora da situação que atravessam esses humildes funcionários, dos dos mais mal remunerados de todo o pessoal hospitalar.

Os escripturários que não estão ao serviço da Secretaria Geral atravessam hoje uma existência de miséria, onde o infortúnio se casa admiravelmente com a tragédia.

Para viver, esses funcionários fazem verdadeiros prodígios de «cavallo inglês», porque percebem honorários míseros, que mal chegam para as mais urgentes necessidades da vida.

Os seus ordenados são qualquer coisa de irrisório. 628\$00, 601\$00, 556\$00 escudos por mês chegam apenas para morrer de fome, numa época em que o custo da vida attingiu um coeficiente brutal.

De 1901 a 1914 o funcionario classificado como primeiro escripturário e que hoje recebe 628\$00, percebia 30\$00 de ordenado e 15\$00 de emolumentos o que dava uma diária de um escudo e cinquenta centavos. Com 1\$50 por dia, embora não se fizesse uma vida de nababo, vivia-se, todavia, uma existência prosaica daqueles presagios pelo dia de amanhã, tão proverbiaes nos infortunados.

Com os actuaes vencimentos como poderá viver um funcionario a quem é exigida certas regras de indumentaria e determinados preceitos protocolares?

É claro que, como não é possível o milagre, a vida para esses servos dos hospitaes torna-se um verdadeiro inferno.

Conhecemos um desses funcionarios, criatura com 34 anos de exercicio profissional, exemplar chefe de familia, carinhoso pai e extremo esposo, que atravessa uma existência verdadeiramente trágica.

A sua prole é numerosíssima, para manter a qual é insufficientissimo o seu ordenado: 628\$00.

Dessa verba ainda o infeliz escripturário tem que desviar 195\$00 que é quanto o seu senhorio lhe exige pela renda de casa.

Como será possível manter decentemente sete pessoas—que é quantas estão a cargo desse funcionario que o leitor encontra na repartição do registo dos doentes hospitalizados, expressão melancólica e a fronte orlada de cas—apenas com 433\$00 que é quanto lhe fica do ordenado?

Depois, este mesmo funcionario—e os de igual categoria—ainda é vítima de outra injustiça.

No impedimento do chefe da respectiva divisão é o primeiro escripturário quem o substitue. Succede que durante meses estes

funcionários estão desempenhando funções que pertenciam ao chefe, mas que este não desempenha por estar ausente. Por esse motivo para todos os effectos aqueles funcionarios são considerados sub-chefes.

Nestas condições comprehendia-se que a diferença de vencimentos fosse pequena. Não succede assim, porém.

O chefe dessa divisão vence 1.027\$00 e o sub-chefe 628\$00, ou seja uma diferença de 399\$00 por mês.

Acresce ainda a circunstancia de serem os funcionarios da 1.ª e 2.ª Repartições aggregadas à Secretaria Geral aqueles funcionarios que mais esforço dispendem em virtude dos serviços que lhes estão adstri-tos.

Para que todas estas anomalias terminem é urgente reorganizar-se os serviços de secretaria.

A mecânica desses serviços é arcaica. As suas peças estão emperradas e o seu funcionamento, por esse motivo, é irregular.

Toda a escrita hospitalar é hoje o que foi há 50 anos. Os escripturários dos hospitaes têm a seu cargo a mesma escrita, obediencia ao mesmo método que teve o classico escripto do Hospital de Todos os Santos que a legislação de 1901 aboliu.

Que se impõe, então, a bem do normal funcionamento da chamada vida burocrática dos hospitaes?

Criar-se uma comissáo de técnicos que ficaria com a incumbência de reorganizar esses serviços, simplificando-os tanto quanto possível com as exigências do serviço.

Quando isso se realizar, os escripturários não terão a seu cargo o pesado serviço que hoje lhes é imposto.

Sendo reclamação dos escripturários a criação dum quadro unico de officiaes, com iguaes direitos e regalias, essa comissáo poderia advogar para esses funcionarios uma verdadeira igualdade de situação.

Há uma outra anomalia que não deve ser olvidada. Explicamo-la.

Pela Reforma Curry Cabral (1901) os chefes de repartição passaram a chefes de secção. Nesta qualidade deviam receber os seus honorários. Porém assim não succede o que levou aqueles funcionarios a representar ao Supremo Tribunal Administrativo para que sejam equiparados em vencimentos e regalias aos seus colegas doutas repartições do Estado.

Ao dr. sr. João Pais de Vasconcelos, illustre director dos hospitaes civis de Lisboa, sempre desejoso de melhorar os serviços hospitalares, lembramos o alto interesse para os hospitaes em ser estudado o alvitre que deixamos exarado e outros que nos futuros artigos daremos à estampa.

OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

No palácio de Belém realizou-se ontem uma recepção dos officiaes revolucionários de 31 de Janeiro de 1891 e 28 de Janeiro de 1908

Ontem, pelas 11 horas da manhã, houve extraordinária recepção no palácio de Belém a um grupo de officiaes do Exército e da Armada, revolucionários de 31 de Janeiro de 1891, 28 de Janeiro de 1908 e 5 de Outubro de 1910. O grupo de visitantes, que foi recebido pelo general Gomes da Costa, era formado pelas seguintes pessoas:

Capitão-tenente João Duarte Gilbeto, 1.º tenente Joaquim Ferreira da Gama, 2.º tenente Onofre Zeferino, António Maria de Carvalho, Francisco Esteves de Sousa, Artur Novais Rodrigues, majores Nunes de Amorim, Inácio Baptista Pereira, Matias dos Santos, Conceição Silva, Armando Barata, Vitorino Gonçalves dos Santos, Marques Alexandre, capitães Augusto César Loureiro, Esteves Graça, Joaquim Marcelino Saraiva, Carlos Vidal, Lobo Pimentel, Bastos dos Reis, tenentes António da Silva, Manuel da Cunha Caetano, Ricardo Mariano, Carlos Rodrigues, Luis Henrique Cordeiro, João Onofre do Carmo, Aleixo Paulo Mascarenhas, Alferes Arnaldo Quintela, Francisco Marques, Mário Fonseca Mota e Calixto Morgado.

O general Gomes da Costa não pôde, porém, atender immediatamente os visitantes porque estava com muita pressa de sair. De modo que só muito depois das 14 horas se pôde effectuar a reunião, já aprazada há dias.

O major da G. N. R., sr. Matias dos Santos, que era em 5 de outubro official de artilharia 1, leu a seguinte mensagem:

«Sr. Presidente:—Os officiaes de 31 de Janeiro de 1891, 28 de Janeiro de 1908 e 5 de Outubro de 1910 aqui presentes que tiveram parte activa na implantação da República, saúdam na pessoa de V. Ex.ª o movimento de regeneração nacional republicano que o Exército e a Armada fizeram justos clamores dos bem intencionados só viram na República os interesses de facção não cuidando do bem colectivo, levando o país a uma situação moral, financeira e económica intoleravel, foram os culpados da reacção nacional que os afastou do poder.

Politica nova com gente honesta, bem intencionada e republicana tendo a certeza de que a República nos dará melhores dias contribuindo para melhorar as condições das classes mais humildes que nela têm confiança inabalavel. As posições de confiança de onde depende a boa marcha da República devem ser entregues a republicanos limpos e competentes porque os há a margem dos partidos, não fazendo sentido

que num regime republicano a sua direcção seja confiada aos seus naturais inimigos que por muito que disfarcem sempre deixam transparecer o seu odio à República, que não podem defender.

Nestas condições teréis o nosso inteiro apoio que moralmente muito vale e a nossa leal cooperação que não é para desparar, um e outra prestados com os olhos fitos num Portugal Maior, sob a égide da República engrandecida e moralizada.

Dos homens do Governo esperamos isenção, sacrificio, boa vontade e patriotismo para levar a bom termo a obra de regeneração nacional e a dignificação da República.

Segundo os jornais da noite de ontem, o major Matias dos Santos pronunciou um discurso que provocou sensação. Eis diversas passagens desse discurso:

—Ainda nenhum dos officiaes aqui presentes foi preso por gatuno. Todos cumpram o seu dever. É preciso que nas nossas fileiras não haja nenhum «embuscado» da guerra. A gente do exército que fugiu de ir à guerra, essa não tem o direito de servir o exército.

«Poderei chegar a anarquista, mas a monárquico, não!» --- diz o general Gomes da Costa

Usou da palavra o general Gomes da Costa, que declarou:

—Agradeço a homenagem dos republicanos e afirmo que a minha intenção é exactamente seguir os pontos focados na mensagem. Já dei ordem no Ministério da Guerra para que me seja concedida uma lista de officiaes que fugiram de ir à guerra. Se isto não está ainda executado, a culpa não é minha. São as difficuldades burocráticas que surgem sempre. A presença de tão dignos e valentes officiaes aqui, é a garantia de que eu estou integrado na vontade da nação. E a prova de que estou com homens de bem, dentro da República.

Os officiaes escutavam-no em respeitoso silencio. O sr. general manifestou, a propósito da sua personalidade, um notavel critério de promoção:

—A pesar dos meus 63 anos, eu sou um homem moderno, que quer caminhar sempre para a frente. Para trás nunca! Se amanhã os senhores me virem apparecer anarquista, está bem, é muito possivel, porque

para a frente. É que é o caminho. Tenho a certeza de que estou integrado dentro da política moderna, porque me considero ainda um homem novo.

Gomes da Costa fez uma curta pausa. E prosseguiu:

—Se me vejo por vezes forçado a aceitar a colaboração de pessoas que não têm a nossa etiqueta republicana, é porque preciso rodear-me de valores, porque um homem só não faz nada e o concurso de todos é que se torna necessário. Todavia, esses cargos são desempenhados em situações em que as instituições não perigam. Necessito, pois, o apoio de todos, porque há uma grande obra de saneamento a fazer. Quero limpar e varrer todos os escândalos. Os meus políticos é que não desejam esta situação. O embaixador dos interesses é formidável. Quero varrer os escândalos dos Transportes Marítimos, de Angola e tantos outros que os senhores conhecem...

Uma interrupção do major sr. Matias dos Santos.

Nenhuns dos que aqui estão presentes tornaram parte em escândalos!

Depois de concordar, Gomes da Costa retomou o seu discurso.

—Pelas notícias que todos os dias me chegam, sinto a ameaça a cada passo, não a ameaça do tiro individual, porque essa não me preocupa, mas a ameaça à obra nacional, que pretendo e hei-de realizar. Mas se uma parte do exército começa a puxar por um lado e uma outra parte por outro, obrigando-me a ir a Sacavém, como ainda hoje sucedeu, então não, nada temos e eu vou para o meu 3.º andar da rua João Crisóstomo, onde estava sossegado. Isto só poderá acontecer se o apoio dos senhores e dos republicanos, como os senhores, me faltar. Agradeço-vos mais uma vez, e afirmo-vos que estou aqui para fazer uma obra de glória para esta nacionalidade tão amaldiçoada, sempre dentro da República.

"De Profundis" da Câmara Municipal

O ministro do Interior, republicano de verdade, pediu-me que lhe indicasse 15 oficiais. E' preciso acabar com a Câmara Municipal. Aquilo não serve, não presta. Encarrego-o de escolher 15 oficiais que constituam a comissão executiva que vai tomar posse da Câmara. Mas isso hoje, ouviu? O senhor fica responsável. Quero que trabalhem e que façam de Lisboa uma capital moderna.

Nestas palavras de Gomes da Costa surpreende-se a próxima dissolução da Câmara Municipal de Lisboa. Os oficiais aplaudiram e o major Matias dos Santos respondeu:

—Sim senhor, meu general. Hoje mesmo trarei essa lista. Com certeza que de entre esses 15 oficiais trarei alguns que saibam ir a um baile. Mas trarei outros também que nunca fizeram outra coisa senão trabalhar. Lá as passadas que perde em Sacavém, ouvindo os meus... o sr. general manda e nós obedecemos!

O general Gomes da Costa apertou a mão de todos os oficiais presentes, tendo ainda o capitão Reis chamado a sua atenção, por o parlamento ter votado uma lei pela qual um grupo de oficiais monárquicos que tinham sido afastados, em virtude de terem pretendido restaurar o antigo regime, foram reformados com pensões, tendo direito a postos de acesso.

O general Gomes da Costa prometeu tomar na devida conta a reclamação que lhe era feita.

O povo de Sines protestou vibrante contra a nomeação de uma autoridade monárquica

SINES, 23.—No dia 20 do corrente chegou a esta terra um tenente do exército que veio aqui unicamente para dar posse ao novo administrador do concelho, nomeado a pedido de conhecidos e refosslados monárquicos desta localidade.

Como os interessados sabiam que essa nomeação era contrária à vontade do povo, o general Gomes da Costa mandou um enviado especial para assistir ao acto.

E antecedeu-lhe efectivamente lugar a cerimónia da posse na administração do concelho, sendo a entrega feita pelo sr. Hilgino dos Santos Guisado, administrador interino, na presença da já citado oficial e mais pessoal da casa. A manifestação foi imponentíssima, pois que o povo em grande número compareceu para manifestar o seu profundo desgosto pelo novo indigitado que se incompatibilizou com ele pela sua conduta pouco correcta dentro da vila de Sines, tanto como autoridade como em actos particulares.

Além disso mais se acentua o manifesto desgosto do povo por essa criatura, porque a sua nomeação foi obra de reacçãoários monárquicos que desejam a todo o custo o restabelecimento da monarquia.

Quando o dito oficial começou por fazer a apelação do proposto e de alguns dos seus interessados foi imediatamente reprovado pelos que o escutavam para assim fazer sentir o seu desprazo pelas pessoas que tão ignóbil ideia tiveram com fins manifestamente reservados.

O povo manifestou-se porque não quer que encapotadamente e hipocritamente com a máscara de república seja restaurada a monarquia.

O povo odeia e combate, com todas as fibras do seu coração, a ditadura militar e fascista que há muito vinha sendo preparada e propaganda por todos os tiranetes reacçãoários.

O povo de Sines, combatendo os manejaes reacçãoários locais, combate em todas as suas formas todas as ditaduras que tenham por fim a supressão de liberdades e regalias conquistadas à custa de muito sangue.

O povo de Sines, protestando contra a nomeação sr. Monteiro, fê-lo num direito sagrado e intangível.

Sabemos que uma comissão enviou um telegrama ao ministro do interior expondo o ocorrido, sendo respondido que o governo a mandar um oficial retinamente republicano para ocupar esse lugar.

O correspondente da Batalha também mandou para a redacção desta o telegrama seguinte:

—General Gomes Costa enviou um tenente para dar posse a administrador sem escolhido monárquico. Povo em massa invade administração e protesta energicamente contra restabelecimento monarquia aos gritos abaixo ditadura! Abaixo reacção! Viva a liberdade!

Este telegrama pelo qual o sr. remetente pagou \$800 não foi entregue ao destinatário, tendo o remetente recebido no dia seguinte a nota de que tinha sido sustado em harmonia com o artigo 244 do regulamento.

Eis aqui o pano da amostra. Estamos no regime de liberdade saído triunfante duma revolução que tinha ou teve por fim combater o despotismo e a arbitrariedade.

Atenta pois contra a ditadura fascista lutando até à morte pela liberdade ameaçada.—C.

CARTA DO PORTO

Mais dados edificantes para a história da roubalheira do Banco Commercial do Porto

PORTO, 24.—Enquanto os patronos da situação militar vão montando a máquina coerciva que há de fazer do país um vasto cemitério, passeado simplesmente pelos tiranos da hora presente —forneçamos nós aos militaristas senhores da "moral" da novíssima República "amanuêlizada", mais uns dados para a história da célebre roubalheira que foi vítima o Banco Commercial do Porto...

Os credores do citado Banco, mas aqueles que não estão compreendidos na feliz possibilidade de hipotecas privilegiadas, jamais poderão esquecer o sumço que o seu dinheiro levou na voragem das suas promissórias e dos seus capitais à ordem... do bolso dos rapinantes "marquêsados"... E como não se esquecer dos seus recursos alarapiados pelos marquêsados de Aduela, ainda hoje perguntam qual foi o motivo que impossibilitou a direcção do Banco Commercial do Porto de verificar a escrita da sua maior devedora —da Parceria Vinícola do Norte, Ltda, cujo gerente é o célebre burlão José Marques de Sá... Isto para se averiguar se eram exactos os 11.904.988\$12 do valor do seu activo, e se eram verdadeiros, inofensivamente verdadeiros, os 12.885.078\$90,6 do valor do seu fantástico passivo...

E' que, caros leitores e caros "moralistas" da tirania política-militar presente, conta-se entre os nossos referidos credores, entre estas centenas de vítimas, que o célebre "marquês" da Aduela encheu de água muitíssimo do seu vasilhame garrafal, papal, tonel, etc., para assim dar a impressão a uns vistoriantes que foram aos seus armazens, que o activo da Parceria, que os haveres da Parceria montavam a milhares de contos... falsificados...

Como todo o mundo económico-burguês é uma questão de habilidades...

Mas para melhor se aquilatar da seriedade, da honra, da honradez da Parceria personificada no tal "marquês" da Aduela, vamos transcrever a sua biografia traçada no próprio Relatório do Banco Commercial do Porto, de 24 de Março do corrente ano, relatório que se subtraiu às vistas dos profanos:

A Parceria Vinícola do Norte, Lda., que é devedora de esc. 10.254.405\$81, não só se negava a liquidar o seu débito, que vinha de longa data como se recusava mesmo a conferir as suas contas!

"Decorridos alguns meses de demoradas conferências, realizou-se um acordo" firmado em escritura pública pelo qual o Banco Commercial ficou garantido pela hipoteca dos imóveis e penhor mercantil das mobílias daquela empresa, garantias estas que eram facultadas a todos os demais credores. Neste acordo quiseram ver alguns a possibilidade do ressurgimento do Banco; porém, um credor, embora garantido com aval do sr. José Marques de Sá, gerente da Parceria, recusou a abertura de falência, impedindo assim a efectivação do aludido contrato em que tinham sido salvaguardados os legítimos interesses deste Banco...

Que tal os honrados cavalheiros da nossa praça financeira?

Já dissemos que uma grande parte do "penhor mercantil" daquelas mobílias estavam liquifacientes... em boa água da Companhia em vez de vinho das diferentes marcas. Mas agora é preciso dizer-se que o nosso detective nos garante que aquela abertura de falência foi um jogo muito bem combinado entre uns e outros...

E isto não é para admirar, visto que se sabe que toda a morosidade em se proceder a sério contra os criminosos do Banco, é vendida ao tempo a que eles fantásticamente vendam as suas propriedades, a fim de se evitar que elas possam ser confiscadas por uma reclamada medida de excepção idêntica à conferida aos burlistas do Banco Angola e Metrópole...

Se os possuidores de promissórias e os depositantes de dinheiro à ordem não se dispõem de juntar à lista dos defraudadores das suas economias, um tal Claudino da Rocha Romariz, que se abotoou com 800.000\$00 sacados, a descoberto, ao Banco Commercial do Porto —não deixam também de lastimar, agora que se fala, entre os "moralistas" da opressão militar que estão no poder, em se retirar dos Bancos os delegados do governo, o seu rico tempo que perderam com a esperança do delegado do governo junto do Banco Commercial do Porto...

Preguntando nós ao nosso detective o que tem feito, ou antes: o que fez o delegado do governo durante nove meses, respondeu-nos muito categoricamente:

—Apenas isto: gosar as passagens pagas à custa dos credores; gosar o hotel e receber por mês uma boa soma de centenas de escudos; permitir que se esgotem os últimos recursos do Banco, visto que ele, apesar de arruinado, está a fazer uma despesa diária de 5.000\$00! Compreende-se: enquanto houver que sugar, vai até à última. Depois... como está tudo hipotecado, entregam-se as propriedades aos credores privilegiados... e os desgraçados que tiveram a deslida de colocar os seus pedúnculos, conseguidos com tantos sacrifícios, na parca das promissórias ou à ordem, esses que liquem para a miséria...

Mas promete mais esta trapalhada do Banco Commercial do Porto...

C. V. S.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

TIVOLI
Telefone II. 5474
As 21 horas

O vôo da Águia
Superfina em dez partes de
HENRY ROUSSEL
O encenador de "Violentas imperiais" com a célebre bailarina espanhola
ISABELITA RUIZ
Magnífica página da história de Napoleão Bonaparte

DUAS CINÉ FARÇAS
UMA CINÉ-REVISTA

Uma excepção odiosa

Todos os jornais de ontem puderam publicar as condições em que é exercida a censura à imprensa—todos menos A Batalha e o Mundo.

A iniquidade que esta mudança de tratamento implica revela que há dois jornais que nasceram para ser o bode expiatório desta tristíssima situação em que a imprensa foi colocada. Supomos-nos, porém, no direito de publicar as referidas condições que transcrevemos da Época de ontem:

a) Os jornais enviarão 4 provas de cada granel, devidamente marcadas com o título do jornal, de todos os assuntos que contenham matéria política e noticiário de acontecimentos que se refiram à ordem pública.

b) Está dispensado de remessa à censura todo o noticiário vulgar, como, por exemplo, notícias do estrangeiro, ecos da sociedade, anúncios, falecimentos e artigos doutrinários que não contenham matéria compreendida na alínea a).

c) A eliminação de assuntos, feita pela censura, não dá lugar à publicação do jornal com espaços em branco.

d) Todas as dúvidas que possam surgir nos espíritos dos directores dos jornais acerca de estarem ou não incluídas nos preceitos da alínea a) os assuntos a que está diz respeito devem ser resolvidos pela remessa à censura das 4 provas a que a mesma alínea se refere.

e) A falta de envio de provas que contenham matéria a que se refere a alínea a) equivale, para o efeito de responsabilidades legais, ao não cumprimento das cortes da censura e à publicação do jornal com espaços em branco.

f) Cada jornal na última prova que submeter à censura escreverá: Última prova e isto significa que se acha concluído o serviço de composição de matéria censurável.

g) Os jornais remettersão ao gabinete de censura 4 exemplares, trazendo um, devidamente tracejado a vermelho, os locais de que foram enviadas provas à censura.

h) Os jornais que assim o desejarem, podem, no topo da sua primeira coluna, inserir as palavras seguintes: "Este número foi visado pela Comissão de Censura". Lisboa, 23-VI-926.—Joaquim Prata Dias (coronel).

A censura ousará nugar-nos hoje o que ontem censurou a todos, menos ao Mundo e à Batalha?

Isto passa-se na Turquia

Por causa do chefe do Estado efectuam-se centenas de prisões

CONSTANTINOPOL.—As últimas notícias mostram que a conspiração dirigida contra o presidente da República foi de carácter exclusivamente político. As polícias de Constantinopla, Angora e Brousse vai prendendo sempre, sendo vinte dos presos pertencentes à oposição parlamentar da Assembleia Nacional, uma dezena de outras nuances, além de várias personalidades do antigo partido "União e Progresso". Na capital e nas principais cidades foram efectuadas reuniões onde se exprimiu indignação. As pessoas presas foram enviadas para Esmirna. O número total das prisões eleva-se a duzentos.—H.

Governadores das colónias

Foram mandados publicar os decretos, nomeando governadores da província de Cabo Verde e do distrito de Timor, respectivamente, os srs. dr. Miguel de Abreu e Teófilo Duarte, decretos que foram assinados ainda pelo sr. general Gomes da Costa, como ministro das Colónias. Também vai ser publicado o decreto mandando reintegrar o coronel Andrade de Velez, no cargo de administrador delegado junto da companhia de Moçambique para que fora nomeado na vaga deixada por falecimento do capitão de mar e guerra sr. Arantes Pedrosa, e de que foi exonerado mais tarde e substituído pelo sr. Manuel Maria Coelho.

O governador da Guiné telegrafou ao ministro das Colónias, comunicando-lhe ter reassumido o governo daquela província e com os seus cumprimentos lhe assegurando a sua leal e patriótica colaboração para maior prestígio da administração republicana.

Assistência infantil

Os banhos na Cruz Quebrada
O segundo turno de mais de 1.500 crianças que vão agora iniciar os banhos da Cruz Quebrada são constituídos pelas crianças das escolas 77, 65, 66, 31, 32 e Associação Protectora das Crianças, que tomarão carro no Lumiar, do Centro Alferes Malheiro. Escolas n.º 62, 4 e 15 (estas duas da "Voz do Operário", escolas da Guarda Nacional Republicana que tomarão carro no Campo Grande; do Centro Boto Machado, Cantina de São Miguel e Gremio Popular; Centro Dr. Alberto Costa e Escola Asilo, que devem tomar carro no Caminho de Ferro; Sociedade Amigos da Infância, Gremio Republicano de Alcântara, Centro Socialista de Alcântara e Escola n.º 59 que aguardarão carro em Alcântara, Sociedade Promotora e escola da Guarda Republicana que tomam carro no largo da Esperança, Escolas 87, 77, 47, 48, 83 e escola da Guarda Nacional Republicana, que tomam carro em Benfica; Escolas n.º 49, 61 e 35 que devem aguardar o carro em Sete Rios.

TEATRO APOLO
Telef. N. 4129
HOJE a oratória de BRÁS MARTINS

O Santo António
Amanhã—Festa artística do actor Aurélio Ribeiro com o S. ANTONIO e um acto de variedades

SEGUNDA-FEIRA, 28
Festa artística de PALMIRA TORRES com a TOSCA

AGREMIACÕES VARIAS
Grupo dos 21 manufactores de calçado.—Reúne-se amanhã, para nomear nova direcção.

Chegou a Riga o Senhor Presidente da República Finlandesa

Veio visitar o seu colega da Letónia e teve uma memorável recepção

RIGA.—O Presidente da Republica Finlandesa, o Senhor Relander, chegou à cidade de Riga, em cujo porto entrou a bordo do hiato Elaksoen, com a intenção de visitar oficialmente ao Senhor Presidente da Republica da Letónia. Foi recebido solenemente, na presença de todo o governo, de todo o corpo diplomático, de uma multidão enorme.

Todos os jornais exaltam a bemvida do chefe da nação amiga e sublinham a comunhão que tão forte é entre a Letónia e a Finlândia, uma comunhão que pode assegurar a paz interna nos dois Estados pela sua melhança de interesses. (Recebido por intermédio da agência Havas).

Queixas e reclamações

Procuraram-nos vários membros do Corpo de Salvação Pública para nos referir a circunstância de estarem sendo preteridos os que lá se encontram por aqueles que por conveniências particulares abandonaram há anos a corporação.

Afirmaram-nos os reclamantes que devido ao regresso de vários antigos bombeiros à corporação, estão sendo gravemente lesados nos seus interesses—interesses que estão assegurados e previstos pelo regulamento da sua corporação.

Foi proibida a importação de armas

Atendendo ao estado anormal em que se encontra o país, o sr. ministro do Interior proibiu, temporariamente, a importação de armas de fogo portatéis e respectivas munições. Da proibição são exceptuadas as armas caçadeiras e as "Flauberts" e congêneres e competentes apetrechos.

Uma visita ao nosso jornal

Visitou ontem a nossa redacção o sr. António Guerreiro, professor e jornalista no Brasil, onde reside há 37 anos. Vem a Portugal repousar algum tempo, aproveitando o ensejo de estudar o estado pedagógico neste país.

Horário de trabalho As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 534, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preceito avulso de \$3. Aos interessados que desejem naquela quantidade far-se-á um abastecimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Deitos à administração de A BATALHA

Universidade Livre

Amanhã, às 16 horas, reúne-se a assembleia geral da Universidade Livre, no edificio da Faculdade de Ciências, a fim de proceder-se à eleição do reitor e do vice-reitor da Universidade.

De harmonia com o estatuto universitário, cada uma das listas para a eleição do reitor deverá conter três nomes.

SOLIDARIEDADE

Comité Pró-Prêso por Questões Sociais
Reúne-se hoje, pelas 21 horas.

Este organismo pede aos portadores de fundos angariados para os presos a sua entrega na sede, hoje, o mais cedo possível.

Em favor dos dois operários

Fica convocada para se reunir amanhã a comissão da festa de solidariedade a favor de Cristovam da Silva Pinheiro e José dos Santos Azevedo.

BANDA DA GUARDA NAVAL

Na parada do quartel da Guarda Naval efectua-se hoje, das 14 às 15.30 horas, um concerto com o seguinte programa: "La Girald", (P. Doble) Juarraz; "Vepres Sicilienses", (Overture) Verdi; "Bailados Egipcios", Luigini; "Eva", (Seleção) Lehar; "L'apprenti Sorcier", (Scherzo) Paul Dukas; "Cavalcata d'ella Walkiria", Wagner; "S. Dinis", (P. Redoubt) Canivez.

Homenagem ao dr. Bernardino António Gomes

Hoje, pelas 17 horas, é descerrada na praça da Alegria, no prédio onde residia o illustre clinico dr. Bernardino António Gomes, uma lápide comemorativa do falecimento daquele homem de ciência. Ao acto assistirão representantes da Câmara Municipal, entre eles o vereador sr. Alexandre Ferreira, autor da homenagem.

Agradecimento

Maria Augusta Ribeiro agradece a todas as pessoas que a honraram com a sua presença na manifestação fúnebre que se realizou no p. p. domingo, 20, ao seu falecido esposo Salvador Augusto Ribeiro, cujo acto foi uma merecida homenagem ao que em vida foi um exemplar esposo e pai e um excelente camarada e amigo de todos os que de perto com ele viveram.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete Alondra são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e, por via Funchal, para a Africa Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e Africa Oriental, sendo a última tiragem de correspondência da caixa geral às 11 horas e às 13, respectivamente, registada e ordinária.

TEATRO AVENIDA
Telef. II. 4356
A SENSACIONAL PEÇA
O Dr. da Mula Ruça

12 números de música 12
Orquestra Jazz-Band

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Opera no Coliseu

A "Tosca", de Puccini

Um grupo de artistas portugueses, no desejo de pôr à consideração do público o quilate das suas vozes, está dando no Coliseu uma curta série de espectáculos líricos de que a primeira ópera executada foi a "Tosca", consagrada partitura de Puccini, há pouco falecido.

Pode-se dizer que neste núcleo de cantares se encontra quasi todos os melhores artistas que possuímos, Tagide Tavares, Raquel de Barros, Alves da Silva, Luis Macieira, Fernanda Corte Real e outros.

Na "Tosca" apresentaram-se Tagide Tavares, na protagonista, Alves da Silva, Luis Macieira e o professor italiano de canto António Prat.

Agradou o desempenho. Compreendia-se uma certa vacilação, mas isso não obsteu a que todos dessem com a melhor diligência e arte o seu quinhão.

Alves da Silva ocupou o primeiro lugar. Durante a ópera conseguiu arrancar estréptos aplausos que atingiram o máximo na conhecida ária do adeus à vida, no último acto.

Luis Macieira estava visivelmente velado de voz. Temo-lo ouvido, várias vezes, cantar bem melhor. Os coros, embora afiançados pela competência do maestro Codiviel, tiveram pouco vigor o que se deveu ao facto de ser o seu número um tanto reduzido.

A "Tosca" representa um esforço e a maneira como o público o recebeu é bastante animador num país onde, em geral, fraquejam estas tentativas. O Coliseu teve, também, uma regular concorrência, o que prova a favor do acolhimento do público.

Nogueira de BRITO

Festas artísticas

O estimado actor Aurélio Ribeiro efectua amanhã a sua festa, no Apolo, com a despedida de "O Santo António" em que interpreta um papel de destaque, completando o espectáculo um acto de variedades em que obsequiosamente, tomam parte Adeline Fernandes, Ema de Oliveira, Guilhermina Paiva, Irene Gomes, Fernando Pereira, José Moraes e Fernando Rodrigues.

E' segunda feira que o público vai ter, de novo, ocasião de apreciar Palmira Torres numa das suas mais brilhantes criações: nessa noite, em recita única e em sua festa artística, a illustre actriz interpretará a parte de protagonista da famosa peça de Sardou, "Tosca", em cujo desempenho tomam igualmente parte Rafael Marques, Abílio Alves e João Calzans, nos principais papeis.

Noticias

No vaudeville "Três meninas... nuas", com que, em breve vai reabrir o Gimmásio, os três principais papeis femininos serão interpretados por Julietta Soares, Isilda de Vasconcelos e Maria Alvarez.

Reclames

E' hoje, no Apolo, a ante-ultima representação do misterio "O Santo António", peça em que são reproduzidos vários dos seus milagres. O espectáculo, que é, agora, do maior interesse e actualidade, é por preços populares, vendendo-se os bilhetes sem locação.

PEREIRA—Alfaiate
R. da Prata, 266, 1.º
FATOS RECLAME a 29\$500

Foi assinado o acordo sobre o limite das fronteiras de Angola

PRETORIA, 24.—A comissão da União Sul Africana, que está negociando com a delegação portuguesa sobre o limite de fronteira em Angola, reconheceu ser bem fundada a tese portuguesa e que as quedas de água de Ruacana são as visadas pelo tratado luso-alemão de 1886.

O acordo regulando este ponto foi assinado no Cabo, e os delegados estudam agora a utilização das águas do Kunene.—H.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, "IDEARIO", que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos: Doutrina — Critica Social — Educação — Libertaria — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Ensayos Filosóficos — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polemicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$900 — Pelo correio 16\$350
Deitos à administração de "A BATALHA"

DESPORTOS

Water-Polo

Realizam-se no próximo domingo os seguintes desfeitos:
1.ª categoria: C. I. F. contra C. N. N., às 14.45; S. C. P. contra S. A. D., às 15.30.
2.ª categoria: C. F. C. contra I. C., às 14.30.
3.ª categoria: S. L. B. contra S. C. P., às 11.45; C. F. C. contra L. G. C., às 12.30; S. A. D. contra C. F. B., às 13.15.

FARINHA PEITORAL LACTEA CENTAZI

A saúde das crianças
A força dos convalescentes
A energia dos velhos

— Procurar nas casas que melhores produtos vendem —

Ultimas notícias

A situação política em França

Um governo à portuguesa, sem malho...

PARIS, 24.—Os jornais frisam que o novo governo foi bem recebido nos meios parlamentares, esperando que dê uma política enérgica, e salientam, também, o facto significativo de haver no ministério, além do sr. Caillaux, cinco técnicos financeiros, que são os srs. Pietri, Duboin, Chapsal, Nogaro e Dutreil.

... mas o trunfo são paus

PARIS, 24.—O novo ministério, compreendendo os sub-secretários, é constituído por quatro senadores da esquerda democrática, cinco deputados radicais-socialistas, dois republicanos-socialistas, três da esquerda radical, quatro republicanos da esquerda e um independente. Os jornais comentam vivamente a vitória do sr. Caillaux contra o sr. Poincaré.—(L).

Navios destruídos

SÃO JOÃO, 24.—O vapor Ranger, o primeiro entrado no Labrador depois de Novembro de 1925, informa que até meio de Dezembro as tempestades destruíram 130 vapores de pesca.—(H).

Cousa vulgar em Portugal

LONDRES, 24.—O ministro das Colónias apresentou na Câmara dos Comuns as medidas necessárias para garantir um empréstimo de dez milhões de libras para caminhos de ferro e desenvolvimento de portos marítimos na Africa Oriental.—(L).

Um presidente na engorda?

VARSÓVIA, 24.—O presidente da Dieta apresentou a sua demissão. Os grupos parlamentares da extrema esquerda apresentaram uma moção pedindo a imediata dissolução da Dieta.—(L).

###

MARCO POSTAL

Coimbra. — Alberto Martins de Carvalho. — Recebemos carta com 20000. Assinatura paga até 30 do corrente. Nessa altura será suspensa a assinatura conforme seu desejo.

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,12
T.	1	8	15	22	Desaparece às 8,08
Q.	2	9	16	23	FASES DA LUA
Q.	3	10	17	24	L. C. dia 27 às 11,49
S.	4	11	18	25	Q. M. " 5 " 3,45
S.	5	12	19	26	L. N. " 11 " 25,50
					Q. C. " 19 " 17,48

MARES DE JOE

Freiamar às 2,16 e às 2,38
Paixamar às 7,46 e às 7,24

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94875
Madrid cheque		3318
Paris, cheque		356,5
Suica, cheque		3570
Bruxelas cheque		557,5
New-York, cheque		19955
Amsterdã, cheque		7585
Háia, cheque		371,5
Brasil, cheque		3800
Praga, cheque		58
Suécia, cheque		5825
Austria, cheque		4666
Berlim, cheque		

ESPECTACULOS

TEATROS

São Luís — A's 21, 23 — O Homem das 5 Horas —
Algo Sôco — A's 21, 23 — O Santo António —
Tribuna — A's 21, 23 — O Dr. da Mala Ruça —
Café Yon — A's 21, 23 — Varietades —
Cinema 1 (Vicente 4 Graça) — Espectáculos às 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31 —
Cinemas —
Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Tivoli — Ideal — Alca. Bandeira — Promotora — Esperança —
Tivoli — Cine Paris.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Tivoli — Ideal — Alca. Bandeira — Promotora — Esperança —
Tivoli — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fôrça de propaganda to m dado lugar a 413 ainda hoje 23 sumam em Portu gal limas estran geiras, visto q as limas m arca Touras da Em usio Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

UNIAO

MARCA REGISTRADA

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

União Tomo Pereira, Lda, riyuam en r 23 e qualidade com as maiores limas da Mundu Experimentem, pois as nossas limas q encontram a pedra em la d os pias sítios e cimentos de ferragema da.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Pele e sístiles — Dr. Correia Figueiredo — II e a's 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 10 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Rins X — Dr. Aien Saldaña — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Dúzia \$40; 100, 2\$80; mil, 2\$500

Pedra grande, dúzia, \$80

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PÚBLICO

Navos multiplicadores — 4.º aditamento ao aviso ao público A. n.º 82

De harmonia com a portaria n.º 4613 de 24 de Abril p. p., desde a data do presente e para efeito da aplicação do multiplicador 6, consideram-se incluídos na alínea a) da 2.ª das restrições do aviso ao público A. n.º 82 os seguintes marcos: chocos, lulas, ostras e polvo fresco.

O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

1.º aditamento à tarifa geral

De harmonia com a portaria n.º 4613 de 24 de Abril p. p., consideram-se incluídos nos géneros frescos designados no artigo 29.º da tarifa geral, aos quais é aplicável a base 6.ª da mesma tarifa, mais os seguintes: chocos, lulas, ostras e polvo fresco.

Lisboa, 8 de Junho de 1926. — O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Aditamento ao Aviso ao Público A. n.º 93. — Expedição de peixe nas estações de Alcântara-Terra e Braço de Prata.

Sendo necessário desorganizar o mais possível o serviço de mercaderias na estação de Lisboa-Caes dos Soldados, previne-se o público de que, a partir de 20 de Junho de 1926, a recepção de remessas de peixe em grande velocidade que actualmente se faz nesta estação, nas condições do Aviso ao Público A. n.º 90 de 23 de Fevereiro de 1925, passa a ser efectuada na estação de Alcântara-Terra, em todos os dias, incluindo domingos e dias de feriado nacional, das 9 às 16 horas para as linhas de Leste, Beira Baixa, Beira Alta, Vale do Vouga e Minho e Douro, e das 9 às 17 horas para qualquer outro destino.

Na estação de Braço de Prata continuará a recepção de remessas de peixe em grande velocidade, em todos os dias, incluindo domingos e dias de feriado nacional, das 10 às 18 horas, mais unicamente para os destinos de Olival e Estremoz.

Como nos apeadeiros da Linha de Cintura não são aceites expedições ordinárias, a apresentação do peixe a expedir dessa zona deverá ser feita na estação de Braço de Prata durante as horas acima indicadas.

Fica, no entanto, em vigor o disposto na Tarifa Especial n.º 3 de G. V. (condição 4.ª) acerca do transporte de volumes portáteis com peixe.

O presente Aviso anula e substitui o referido Aviso ao Público A. n.º 80 de 23 de Fevereiro de 1925.

Lisboa, 12 de Junho de 1926. — O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1900.

Pedidos à administração de A. Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço 1950.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, Lda

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 — LISBOA

Salvador Barata, Lda

Fabricantes dos Alvaides marca "GAIVOTA" e únicos depositários do

no Dêro-Sociedade Produtos Químicos, Lda-R. 31 de Janeiro, 171, 1.º

Ilhas-JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL

Agentes

Livraria Guimarães & C.ª

68, Rua do Mundo, 70 — Lisboa

Algumas edições

Coração dum toureiro, romance de F. de Lara, 2 grossos v. muito ilust., 25\$00.

Mário, lindo romance passado na Beira Alta, pelo dr. Silva Gaió, 1.º vol. br., 10\$00; enc., 15\$00. — A Taberna, romance de Zola, 10\$00; Flores do mal, de Baudelaire, broch., 10\$00; enc., 15\$00. — Tiberio, filósofo e moralista, de A. Forjaz de Sampaio, 7\$00. — Mais além da morte e do amor, de A. Forjaz de Sampaio, 7\$00. — A paixão de Soror Mariana, de Delim Guimarães, 10\$00. — O Conde de Monte Cristo, 4 vols. br., 20\$00; enc., 26\$00. — Os Três Mosqueteiros, 4 vols. br., 20\$00; enc., 26\$00. — Os que riem e os que choram, de Perez Escribá, 3 vols. 18\$00. — O Casaca Azul, de Perez Escribá, 3 vols. 12\$00. — O milionário, de Escribá, 1 vol. 4\$00. — Sacrificio de amor, de Escribá, 4\$00. — História dum beijo, de Escribá, 4\$00. — A Educação da Volante, de Payot, 7\$50. — Como se deve educar o espírito, do dr. Toulouse, 4\$00. — Obras de Paulo de Kock, o mais alegre romancista francês: A Irma Ana, 2 vols. 8\$00. — O Bigode, 2 vols. 8\$00. — O meu vizinho Raimundo, 2 vols. 8\$00. — O Cotidiano, 2 vols. 8\$00. — A Casa Branca, 2 vols. 8\$00. — O Sr. Dupont, 2 vols. 8\$00. — Mulher, marido e amante, 2 vols. 8\$00. — e muitas outras obras do mesmo autor.

Pelo correio acresce o porte. Remessas contra reembolso.

Historia Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800; pelo correio, registado, 1950.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º — La era de la esclavitud;

2.º — La rebelión de Esparta;

3.º — Abolición de la esclavitud;

4.º — Abyección y Servidumbre;

5.º — La revolución de los siervos;

6.º — La miseria de los agricultores;

7.º — Transformación del Poder Feudal;

8.º — El comunismo cristiano;

9.º — Los miserables en la Edad Media;

10.º — La libertad ilusoria;

11.º — La agonia del absolutismo;

12.º — El trabajo motor universal.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo genérico de Novela Social, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$30. Pelo correio 70.

Pedidos à administração de A. Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util das boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A. Batalha.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Ruelas — Anarquia e a igreja

Genaples Correia — A Felicidade de todos os seres da Sociedade

Futuro — A burguezia e o proletariado

Jose Prat — A burguezia e o proletariado

A necessidade da Associação

Contente — Contradictorios

Alfredo Neves Dias — Razão (poema to social)

Landauer — Social Democracia

R. Mela — O principio do fim

A maçonaria e o proletariado

J. Most — Peste religiosa

J. Trovas da noite

Definições sociais

O Cavador (teatro)

Horas anarquistas (versos)

Carnet de Pensamento

J. Bakunine — No sentido em que somos anarquistas

Chueca — Como não ser anarquista

B. Lazare — A Liberdade

J. Etrevant — A minha defesa

Kropotkin

A mocidade

Os bastidores da guerra



Influência da educação na vida psicológica do homem

A educação não tem outro objecto senão tirar a criança da inconsciência e da irresponsabilidade para a introduzir no sentimento das responsabilidades sociais.

Alberto Aútin

A expressão «educação» tem um significado muito amplo, porque representa não só a educação que um indivíduo recebe de outro, mas também a que cada indivíduo deve à sua própria experiência. Por isso é que a obra da Educação é muitíssimo complexa.

Neste capítulo quero, especialmente, chamar a atenção dos pais de família.

Se eles pensassem muitas vezes, a maior parte das vezes, que deles é que depende única e exclusivamente o futuro de seus filhos; se eles, ignorantes das leis da vida, conhecessem um pouco dos prejuízos irremediáveis que advêm de uma educação irreflexiva; se eles soubessem que para cada fase da vida há uma educação especial, e que nem todas as crianças são susceptíveis de receber a mesma educação; se eles tivessem presente que os seus excessos ou as suas branduras é que matam e aniquilam os seus pequenos seres; se eles, finalmente, compreendessem que, de todas as suas funções, a mais difícil é a que respeita à orientação da família; por certo que deveria merecer a todos uma maior atenção este complexo problema.

Que preço não tem a vida humana, qualquer que seja o aspecto por que a encaremos! Quanto trabalho é a actividade do homem na conservação, directa ou indirecta, da sua espécie, na satisfação dos gostos e dos sentimentos, na boa organização da família, na disciplina social!

E' no estudo destas diferentes espécies da actividade humana que se resume toda a Educação, a que bem pode chamar-se uma ciência. A Educação ensina-nos a conservar, por processos directos e indirectos, o indivíduo; a Educação orienta-nos na satisfação dos nossos gostos e dos nossos sentimentos; a Educação forma o cidadão.

E' na infância que se adquire o hábito dos nossos maiores vícios», disse Montaigne. Por isso, a educação da criança deve começar logo após o seu nascimento. A sua primeira linguagem é o choro; não tem ideias, não tem sentimentos, apenas tem duas sensações: a dor e o prazer; a memória e a imaginação estão ainda inactivas. No alvorecer dos seus dias, a criança atende a que afecta os seus sentidos, aprende a comer, a andar e a falar.

Jeân Jacques Rousseau, no seu «Emile», reduz a quatro as máximas educativas por que nos devemos orientar na educação da criança nesta época da vida:

1.ª—Deixar a criança livremente de todas as forças que a natureza lhe dá e das quais a criança não sabe ainda abusar.

2.ª—Ajudar a criança a fazer tudo o que falta, já em força, já em inteligência, para a satisfação das necessidades físicas.

3.ª—Ao socorrê-la, deve ter-se em vista, unicamente, a utilidade real, e nunca ceder a fantasias ou a desejos sem razão.

4.ª—Estudar e distinguir na sua linguagem e nos seus sinais os desejos que lhe vêm da natureza e os que resultam da sua opinião já voluntária.

Quanto defeitos nós podemos evitar e corrigir na criança desde o berço!

Para que a criança se não faça estrábica, devemos voltá-la sempre para a luz, mas temos também que habituá-la às trevas, para que mais tarde se não arreceie delas. Devemos-lhe li mostrando pouco a pouco os objectos que ela ainda não conhece, ainda os mais bizarros, para que se familiarize com eles e se não faça medrosa. A criança, à medida que vai conhecendo, que vai dando fé (permitam-me o plebeísmo) dos objectos, estende os braços para os agarrar, embora estejam afastados, porque não tem a princípio a noção da distância. Nós levamo-la então até eles, para que o pequerrucho comece a apreciar as distâncias. Quando conhecer já o objecto, não devemos conduzi-la até ele como ela quiser e quando ela quiser, mas sim como nós quisermos. Se chora e grita, estendendo a mãozinha para ser atendida, façamos de conta que a não ouvimos, para que se não habitue a ser de pronto obedecida. A criança tem uma tendência excessiva para o mando, para a ordem e para o despotismo; é preciso, para a contrariar, mas de modo que não pense que lhe obedecemos. E' de todo necessário também desviá-la das pessoas que a contrariam, a irritam, a impacientam; estas gracinhas das visitas, dos manos mais velhos, das criadas e muitas vezes dos próprios pais desenvolvem na criança o pernicioso defeito da cólera. Tal como os selvagens apresentam uns certos traços físicos que os caracterizam, assim a criança, inicialmente, apresenta uma certa tendência para o mal, o qual devemos atenuar e corrigir. Não contemos com uma moralidade prematura na criança; a precocidade moral tem um significado tão funesto como a precocidade intelectual.

Com estas cautelas e outras, que seria difícil enumerar e que o bom educador vai conhecendo por experiência própria, a criança vai-se habituando a limitar os seus desejos às suas forças, não sentindo a privação do que não possui. São ainda do autor do «Emile» estas palavras: «Os primeiros choros das crianças são pedidos; se nos não acatarmos, tornam-se imediatamente ordens; começam por se fazer assistir, acabam por se fazer servir. Assim, da própria fraqueza, donde vem primeiro o sentimento da sua dependência, nasce em seguida a ideia do império e do mando; mas, sendo esta ideia menos exacta pelas suas necessidades do que pelos nossos serviços, começam a fazer-se sentir os efeitos morais, cuja causa imediata não está na natureza e que já se vê desde o alvorecer da vida...»

No período da idade que imediatamente se segue a este, devemos encerrar a criança já como um ser moral. Não a habituemos a obter tudo quanto deseja e pede, mas a dar-lhe somente o que necessita. Na educação moral da criança temos que mantê-la na dependência das coisas, seguindo a ordem da natureza, e desviá-la da dependência dos homens, que é a da sociedade. E, quando se diz que se deve etender a criança apenas no que ela necessita e não no que ela pede, não quer dizer que devemos impedir-lhe de falar, comer, correr, isto é, de fazer todos os movimentos e satisfazer todos os impulsos necessários ao seu desenvolvimento; o que o educador tem de ter

em vista sempre é distinguir a necessidade imposta pela natureza da necessidade criada pela fantasia. Há um grande perigo para a vida moral da criança em lhe dar quanto ela pede, sem atender às suas necessidades, fazendo-se-lhe a vontade em tudo, a obediência. E' desta educação viciosa que saem os déspotas, os tiranos, os autoritários.

Não convém a todas as crianças o mesmo regime de moral. No entanto, nesta fase da vida a educação moral deve ser totalmente negativa, isto é, tem de se lhe fazer compreender apenas que se não deve fazer mal a ninguém, não se lhe ensina o que é virtude ou vício; apenas se evita que despartem ou se desenvolvam nela os perigosos defeitos da vaidade, inveja, timidez, mentira, defendendo-a tanto quanto possível dos conceitos errados. Todos estes vícios, principalmente o da mentira e o da inveja, são quase sempre produto da ideia que o educador, erradamente, concebe da imposição de deveres à criança e da emulação com que procura estimulá-la.

A terceira fase da infância é a dos 12 anos, aquela em que a criança, aproximando-se da adolescência, começa marcando a sua puberdade. Neste período a força vital tem um desenvolvimento muito mais rápido que os impulsos da necessidade; aqui a dificuldade da educação consiste em diminuir na criança os seus desejos; quanto maior for o número dos desejos, mais fraca ela se torna, porque maior é o número de energias de que necessita para os satisfazer e maior é o dispêndio delas. E' nesta fase também que mais intensamente se desenvolve a curiosidade; ao mesmo tempo que se fortifica a actividade do corpo, desenvolve-se a actividade do espírito. Nada de discursos, de flores de retórica, de palavras que a criança não compreende; o educador deve ser claro e simples na sua linguagem, pondo tanto quanto possível a criança em contacto com as coisas, desenvolvendo-lhe assim o espírito de observação; a criança vê, examina, observa e habituase, quase insensivelmente, a ser atenta. Se lhe fizerdes alguma pergunta nesse momento sobre o objecto observado, é possível que vos não responda logo, mas passados alguns dias dirá a verdade que descobriu. Deixai-a reflectir livremente.

Tais são, de uma maneira geral, os princípios por que devemos orientar a educação moral da criança durante as diferentes fases da sua infância até o momento da puberdade. Diz-se, e com bastante fundamento, que os defeitos das crianças são o produto dos defeitos dos educadores. E assim é, por fatalidade de todos nós. A criança imita, imita sempre. E' aos pais e não aos filhos que se deve o grande número de infortúnios que muitas vezes se produzem na família. Nestas frases eloquentes que todos os dias se proferem—Casa de Pais Escola de Filhos: Os defeitos dos Filhos são o reflexo dos defeitos dos Pais—está consubstanciada toda a verdade. O exemplo é a disciplina a impor são as duas chaves de ouro com que os educadores e, principalmente, os pais podem abrir o futuro de seus educandos. O exemplo produz na criança o efeito do contágio. Se a criança é tratada duramente e com irascibilidade, se de hora a hora se muda de atitude para com ela, se os pais, impulsivos, reconhecendo os seus próprios defeitos, se não corrigem e os não combatem nos filhos, como se não há de ela tornar dura, irascível e impulsiva? Os maus tratos, as zangas, a cólera com que algumas crianças da mesma família se tratam entre si, não é mais do que a cópia dos tratamentos que os adultos lhes infligem e o exemplo que deles tomam, imitando-os.

(Da revista «Educação Social».)
Aurora de CASTRO

(Continua.)

A VOZ DA CADEIA

Não se deve construir a desumana sala-parlatório

Já se tem falado muito na construção que está sendo levada a efeito de um palatário na Cadeia do Limoeiro e na suspensão das visitas diárias aos presos.

Mas o que ainda se não disse, e que é necessário que se saiba, são os péssimos resultados que estas medidas vão revelar.

Os primeiros já estão bem em evidência: A greve da fome na Cadeia da Relação do Porto, a insubordinação dos presos no Forte de Monsanto, e a intervenção da força armada dentro das suas prisões.

A imposição do palatário é a suspensão das visitas diárias de pessoas de família aos presos, podem acarretar as mais graves consequências.

O preso ainda se submete à incomunicabilidade da cadeia quando prevarica, cala-se à vergonhosa promiscuidade, em que vive, consente nos maus tratos e na falta de alimentação, mas o que ele não pode consentir é na imposição odiosa do corte de relações para com os seus entes mais queridos.

Do sr. ministro da Justiça caberá a responsabilidade de todos os graves actos que se venham a dar.

Ele que tão solícito foi em conceder a verba para a construção do palatário, para esta infame e vergonhosa medida, não deverá eximir-se a vir presenciar com os seus próprios olhos a miséria, o desleixo, e a própria morte que vai por este Limoeiro.

Venha à enfermaria sr. ministro!

Venha pessoalmente ver a tuberculose clamando pelo seu aniquilamento.

Venha contemplar os desgraçados famintos, que devastados pelo bacilo de Koch se resignam pacientemente a infectar os seus camaradas, já que outro destino lhes não é dado.

Para isto sim! Para isto é que devia olhar.

Na esperança de que serão evitadas todas estas espantosas calamidades subscrovo-me, pelos presos do Limoeiro.

Filipe José de COSTA

Agressões

No Banco do Hospital de S. José, foi pensada e recolhida a casa, Maria Marques de Jesus, de 80 anos, natural de Vozitela, moradora na travessa do Maldonado, 6, 1.ª e que ali foi agredida por uma sua vizinha, ficando contusa na cabeça.

O militarismo desenvolve-se necessariamente da própria existência do exército

Fala-se às vezes de um «regime que se apoia sobre as baionetas». Esta frase significa um regime baseado sobre a força bruta, e oposto ao que se baseia sobre a lei e sobre o direito. Mas esta diferença e este contraste não existem: longe de entre eles haver antinomia, há identidade. Todos os regimes políticos existentes se apoiam sobre as baionetas: todas as constituições, todas as leis têm por única sanção o genedarme, e mais nenhuma.

O único laço que une uma sociedade capitalista—composta como é de classes, cada uma das quais trata do seu próprio interesse egoístico em detrimento do interesse das outras classes—é a autoridade. A autoridade é a forma abstracta da opressão concreta do mais fraco por parte do mais forte. Esta abstracção incarna-se no homem fardado e armado; incarna-se no soldado. O soldado é pois o símbolo do princípio fundamental do edifício do Estado e da Sociedade.

E' impossível derrubar este símbolo sem que seja logo abalada e em breve desabe toda a construção. Tirai a actual ordem social e política o princípio de autoridade, e ter-lhe-eis destruído a armação, te-la-eis reduzido a um montão de escombros informes.

Atacar ou defender o militarismo não tem sentido algum, se não significa que se ataca ou se defende conscientemente, intencionalmente, o princípio da luta dos egoísmos de classe e da vitória daquela que estiver mais bem armada e organizada sobre as que o estiverem menos.

Onde está a lógica de todos esses «pacifistas» que sonham a abolição do militarismo e querem ao mesmo tempo conservar a organização social existente? Não se pode conservar esta sem conservar aquele. Parece que há alguns Estados perfeitamente constituídos que exercem todas as funções do organismo político, e que todavia não conhecem militarismo de espécie alguma. Mas isso é uma ilusão que uma análise mais atenta facilmente dissipa.

Vejamos no entanto: que é o militarismo?

A palavra é vaga. Presta-se a interpretações diversas. Diz-se: «O militarismo não é o facto da existência do soldado; pode haver militares sem que por isso tenha de haver militarismo. E' até útil que todos os cidadãos se exerçam no manejo das armas, o que lhes dá a confiança em si mesmos e eleva as virtudes cívicas. Significa ser capaz de se defender a si próprio, assim como de defender a pátria. A luta é a condição da vida. E' a própria natureza que assim o quer. Devemos preparar-nos metódicamente para a luta. O soldado é um fenómeno normal, biológico, por assim dizer, de cada sociedade. Temos o soldado, mas nem por isso temos o militarismo. O militarismo só começa quando se faz do soldado, não já o meio, mas o fim do Estado, quando o exército não é já uma instituição que serve para assegurar o livre funcionamento das outras, mas sim o parasita avido, servido por todas as energias do Estado: o Estado subordinado ao exército e reduzido a pretexto para existência do exército. Todas as forças vivas da Nação convergindo para o quartel e campo de manobras; todos os esforços intelectuais, todos os progressos científicos, todas as invenções técnicas, tudo aplicado ao aperfeiçoamento das armas; o oficial, tipo ideal do homem na sociedade; as cores do uniforme, o rebrilhar das espadas, os galões, o penacho, supremas ambições dos sonhos juvenis. Eis o que é o militarismo.

Combatido à vontade, mas respeitai o soldado, servidor estoicamente dedicado do interesse colectivo.

Pois bem! essa linguagem é sofista puro. O militarismo desenvolve-se necessariamente, inevitavelmente, da própria existência do exército.

A China era sempre considerada como um Estado civilizado, como tendo ordem e até um exército, embora não conhecesse o militarismo. Na Europa havia a Inglaterra, que desprezava a carreira das armas como a China, havia a Suíça, cujos soldados sob a farda não deixavam de ser livres cidadãos. Os Estados Unidos tinham-se feito o organismo político mais poderoso do mundo, sem militarismo e quasi sem exército. Portanto, pode haver Estado sem militarismo. Portanto pode-se combater este sem tocar na ordem social existente.

Não se pode, e estes exemplos amide citados nada provam.

A China e a Suíça, e Inglaterra e os Estados Unidos têm exércitos insuficientes. No dia em que o notem, tratam de se fortalecer, de aumentar a força armada, e caem então logo no militarismo. Logo que os exércitos começam a ter valor para alguma coisa, começam a ser cultivados e aperfeiçoados e em breve se tornam fim para si próprios: assim se chega ao militarismo. E' a lei de todas as instituições humanas: chegadas a certo grau de desenvolvimento vivem somente para si mesmas, querem crescer, perpetuar-se, dominar. O exército, naturalmente, não faz excepção a esta regra.

Quanto aos defensores do militarismo, acabam por desconhecer o significado das suas tendências e predilecções. Harpago esquece-se de que o diabinho é o símbolo —o representante do valor—mas em si mesmo privado de qualquer utilidade para o homem, e Harpago acaba por amar o diabinho pelo diabinho. Assim o campeão do militarismo perde a noção da força armada e o sentimento do símbolo que é uma tropa organizada, e acaba por amar e admirar o exército pelo exército.

E' preciso não perder de vista o verdadeiro sentido das coisas. O militarismo é o último termo duma série lógica de deduções, a primeira das quais—o ponto de partida—é a aprovação, a admiração da ordem económica, social, política existente. E' a luta contra o militarismo não tem sentido se não é luta contra o próprio princípio básico dessa ordem. Queréis a autoridade? Então aqui tendes a força, a baioneta e por fim o militarismo. Uma autoridade sem sanção concreta não pode manter-se. O regime capitalista sem militarismo marcha a direito e rapidamente para o esfacelamento.

Para que uma sociedade civil possa existir sem militarismo, necessário é que se baseie sobre outra coisa que não seja a

A CENSURA PRÉVIA

A atitude da imprensa perante uma medida antipática

A censura foi mal recebida pela imprensa—excepção feita a alguns paquins que pescam nas águas turvas e que contam, por meio dela, realizar as mais abjectas intenções. Passamos a transcrever dos jornais algumas das passagens dos seus artigos que verberam a censura. Publicamos-las sem recio da censura, visto que os trechos abaixo inseridos já passaram incolumes pelo lápis azul:

De O Mundo:

«Cercar a expressão do pensamento, obrigar os informadores da população a omitirem notícias verdadeiras, reduzir a imprensa—a grande propulsora da civilização—a um simples repositório de factos e ideias que convêm apenas a quem detem o poder—que não é propriedade pessoal dos seus detentores, mas apenas uma função exercida por um mandato da Nação—fazer com que todos nós pensemos unicamente pela cabeça de uns tantos, anulando o direito de raciocinarmos e de apreciarmos os actos daqueles que são apenas nossos mandatários, e não nossos donos, reservando somente para eles o direito de terem opinião, ofende manifestamente a Razão, a Justiça e a Verdade.

Nenhum homem civilizado pode compreender e admitir que o pensamento humano seja emparedado, inibido de revelar-se e de trazer à colectividade o produto das suas locubrações, o engenho da sua potencia criadora. A marcha ascensional do Progresso e da Civilização não pode fazer-se sem a luz de todos os cérebros, mesmo dos menos fosforescentes. Cada cérebro é um mundo, dizia Schopenhauer.

A determinação de os jornais preencherem os espaços em branco, cortados pela censura, é de uma violência inconcebível. Dentro da lógica da censura—a-pesar-desta ser ilógica—compreende-se apenas a não publicação do que é julgado prejudicial. Mas ter de preencher-se esses espaços, obrigatoriamente, com ideias opostas a aquelas que inspiraram o autor, representa a maior das violências contra a consciência alheia. Só falta que os censores ditem as próprias palavras a inserir, porque a inspiração já a deram.»

De O Século:

«Mas, a-pesar-da expectativa a que somos forçados, não queremos deixar de frizar que a imprensa, por maiores que tenham sido os seus pecados, tem prestado, em todos os tempos, à causa da liberdade, do progresso, da ordem, da civilização e da justiça, os mais assinalados serviços. Sem ela, viver-se-ia ainda numa semi-barbarie; e as maiores conquistas da inteligência humana talvez não passassem ainda agora de quimeras ou de sonhos perturbados de visionários. E' na imprensa que a liberdade de pensamento encontra a sua mais alta expressão. Assim, coarctá-la é coarctar o próprio pensamento, é pretender apertar na palma da mão uma das maiores forças do Universo.

Não podemos deixar de dizer ao Governo que, limitar o direito de critica aos seus actos, impedir que sobre eles incidam uma apreciação honesta e um exame consciencioso, que o desejo de bem servir a Pátria norteie, é praticar um erro de que será a primeira vítima. E' que, desde que a critica não seja livre, os elogios, quando para eles houver motivo, de nada servirão, ao passo que adquirirão fatalmente exageradas proporções todas as maléficas baleias que os mal intencionados ponham em circulação, para satisfazerem os seus despeitos ou os seus ódios pessoais e políticos. Além disso, sempre que desaparece a imprensa regular, a imprensa livre, com a sua expansão garantida pela lei, surge a imprensa clandestina, que em Portugal tem tradições. E contra essa, contra a acção dissolvente que ela exerce, ninguém pode nada—nem os censores oficiais, nem as autoridades constituídas, por mais diligentes que sejam. E' que ninguém pode esgrimir nem com sombras nem com espectros.»

De O Diário de Lisboa:

«Recebemos ontem à tarde um officio, annunciando-nos que a censura aos jornais vai começar a desempenhar o seu antipático papel.

Quando, há dias, dissemos que os triunfadores não suportam a critica nem o esvoaçar leve duma ironia, adivinhávamos o que ia suceder.

O sr. general Gomes da Costa, num gesto bem decidido, afirmou:

«Quero governar com a imprensa livre!»

A sua palavra tinha a garantia do seu carácter de militar e de cidadão.

Quem ousou anteponer-se à sua vontade, contradizendo-a, aniquilando-a?

A imprensa portuguesa, aparte excepções deploráveis, é o órgão mais perfeito das aspirações nacionais. Não é venal nem covarde. Não se rebaixa na lisonja nem se exalta com trofeus que não ganhou.

Que razões fortes aconselham o poder a sujeitá-la a um regime de excepção—contrário às garantias da verdade que o público quer e necessita conhecer?

Não haja ilusões com o simile estrangeiro: o que se faz em Espanha, Itália, Turquia ou Rússia pode não convir a Portugal.

Entre nós, as notícias e os seus comentários possuem mil condutos secretos para se divulgarem.

O boato encarega-se disso, apenas o lápis do censor comete os seus usuais desmandos.

De ouvido a ouvido, conta-se a história de tenebrosos acontecimentos reais ou imaginários e também se tecem intrigas e fábulas que darão origem a futuras procelas.

Que importa que os jornais sejam obrigados a tapar os brancos da censura, se os leitores percebem, por um instinto seguro, o logro de que são vítimas?

Castelar, num dos seus grandes discursos, bradou:

«Sem a liberdade de imprensa, o povo está sempre sob a ameaça da opressão!»

De O Diário de Notícias é contra a censura, mas a Moagem que é seu proprietário não quer desagradar à situação com recio de que não lhe deixem, os senhores da hora, por revindicta, vender o pão, falsificado na qualidade e roubado no peso.

A-pesar-disso não deixou de acentuar que a censura era um erro—fe-lo duma maneira semelhante à do nosso artigo de fundo de ontem, embora com mais páfida adjectivação e mexos vivacidade de prosa:

«Devemos, porém, dizer ao governo com absoluta lealdade, que não temos confiança segura nos resultados dessa providência. Não podendo os jornais fazer comentários ou sequer noticiar muitos dos factos da vida política, esses factos serão narrados ao sabor das conveniências e paixões de cada um, nos cafés, nos centros de cavaco, nas conversações dos particulares. Sobre eles forjar-se-ão os boatos mais inverosímeis e exagerados, que não poderão ser desfeitos publicamente de um modo eficaz e tornarão aqueles factos, mesmo aos mais sinceros e desapassionados, odiosos e revoltantes. E' este o grande perigo da censura à imprensa. Desaparece a discussão à luz do dia, com ideias e documentos de uma

autoridade. Ora, fora da autoridade, só há outro laço capaz de criar e conservar organismos colectivos humanos: é a solidariedade.

O militarismo não passa dum pára-vento, e nós descobrimos que por trás dele se agitam essas forças elementares cuja luta determina a evolução da história e que se podem chamar autoridade e solidariedade—ou egoísmo e altruismo—ou mais simplesmente, violência e amor.

Max NORDAU

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realiza-se no domingo a festa do aniversário da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis

E' no próximo domingo que se comemora o 15.º aniversário da Associação de Classe dos Hospitais Civis de Lisboa com uma sessão solenne, que terá lugar às 21 horas na sede daquele organismo.

Na referida sessão solene far-se-á uso da palavra o dr. sr. João Pais de Vasconcelos, director dos hospitais civis, o nosso preado director José da Silva Santos Arranha e vários componentes da classe de enfermagem.

A sede da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais, que acaba de passar por importantes melhoramentos, estará no próximo domingo exposta ao público.

Rendimentos dos operários

No pósto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado e seguiu depois para casa, José Augusto da Cunha, de 32 anos, marítimo, natural de Lisboa, residente na rua do Recolhimento ao Castelo, 50, loja, o qual foi colhido por um carro de bordo de um vapor fundeado no Cais do Sodré, ficando contuso no baixo ventre.

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e seguiu para casa, João Maria, de 22 anos, natural de Lisboa, carpinteiro, de rua Fábria da Pólvora 149, 1.ª, que quando trabalhava numa padaria no Beco do Forno, foi atingido por um ferro ficando ferido na cabeça.

No Sala de Observações do Hospital de S. José, deu entrada, Alirédo Henriques, de 10 anos, natural de Pedrogão Grande, residente na Portela de Algas, e que ali foi colhido por um engenho de um póço, ficando muito contuso no ventre.

evidência cristalina, para campear à vontade a insinuação, a intriga e a calúnia.

De O Mundo:

«Cercar a expressão do pensamento, obrigar os informadores da população a omitirem notícias verdadeiras, reduzir a imprensa—a grande propulsora da civilização—a um simples repositório de factos e ideias que convêm apenas a quem detem o poder—que não é propriedade pessoal dos seus detentores, mas apenas uma função exercida por um mandato da Nação—fazer com que todos nós pensemos unicamente pela cabeça de uns tantos, anulando o direito de raciocinarmos e de apreciarmos os actos daqueles que são apenas nossos mandatários, e não nossos donos, reservando somente para eles o direito de terem opinião, ofende manifestamente a Razão, a Justiça e a Verdade.

Nenhum homem civilizado pode compreender e admitir que o pensamento humano seja emparedado, inibido de revelar-se e de trazer à colectividade o produto das suas locubrações, o engenho da sua potencia criadora. A marcha ascensional do Progresso e da Civilização não pode fazer-se sem a luz de todos os cérebros, mesmo dos menos fosforescentes. Cada cérebro é um mundo, dizia Schopenhauer.

A determinação de os jornais preencherem os espaços em branco, cortados pela censura, é de uma violência inconcebível. Dentro da lógica da censura—a-pesar-desta ser ilógica—compreende-se apenas a não publicação do que é julgado prejudicial. Mas ter de preencher-se esses espaços, obrigatoriamente, com ideias opostas a aquelas que inspiraram o autor, representa a maior das violências contra a consciência alheia. Só falta que os censores ditem as próprias palavras a inserir, porque a inspiração já a deram.»

De O Século:

«Mas, a-pesar-da expectativa a que somos forçados, não queremos deixar de frizar que a imprensa, por maiores que tenham sido os seus pecados, tem prestado, em todos os tempos, à causa da liberdade, do progresso, da ordem, da civilização e da justiça, os mais assinalados serviços. Sem ela, viver-se-ia ainda numa semi-barbarie; e as maiores conquistas da inteligência humana talvez não passassem ainda agora de quimeras ou de sonhos perturbados de visionários. E' na imprensa que a liberdade de pensamento encontra a sua mais alta expressão. Assim, coarctá-la é coarctar o próprio pensamento, é pretender apertar na palma da mão uma das maiores forças do Universo.

Não podemos deixar de dizer ao Governo que, limitar o direito de critica aos seus actos, impedir que sobre eles incidam uma apreciação honesta e um exame consciencioso, que o desejo de bem servir a Pátria norteie, é praticar um erro de que será a primeira vítima. E' que, desde que a critica não seja livre, os elogios, quando para eles houver motivo, de nada servirão, ao passo que adquirirão fatalmente exageradas proporções todas as maléficas baleias que os mal intencionados ponham em circulação, para satisfazerem os seus despeitos ou os seus ódios pessoais e políticos. Além disso, sempre que desaparece a imprensa regular, a imprensa livre, com a sua expansão garantida pela lei, surge a imprensa clandestina, que em Portugal tem tradições. E contra essa, contra a acção dissolvente que ela exerce, ninguém pode nada—nem os censores oficiais, nem as autoridades constituídas, por mais diligentes que sejam. E' que ninguém pode esgrimir nem com sombras nem com espectros.»

De O Diário de Lisboa:

«Recebemos ontem à tarde um officio, annunciando-nos que a censura aos jornais vai começar a desempenhar o seu antipático papel.

Quando, há dias, dissemos que os triunfadores não suportam a critica nem o esvoaçar leve duma ironia, adivinhávamos o que ia suceder.

O sr. general Gomes da Costa, num gesto bem decidido, afirmou:

«Quero governar com a imprensa livre!»

A sua palavra tinha a garantia do seu carácter de militar e de cidadão.

Quem ousou anteponer-se à sua vontade, contradizendo-a, aniquilando-a?

A imprensa portuguesa, aparte excepções deploráveis, é o órgão mais perfeito das aspirações nacionais. Não é venal nem covarde. Não se rebaixa na lisonja nem se exalta com trofeus que não ganhou.

Que razões fortes aconselham o poder a sujeitá-la a um regime de excepção—contrário às garantias da verdade que o público quer e necessita conhecer?

Não haja ilusões com o simile estrangeiro: o que se faz em Espanha, Itália, Turquia ou Rússia pode não convir a Portugal.

Entre nós, as notícias e os seus comentários possuem mil condutos secretos para se divulgarem.

O boato encarega-se disso, apenas o lápis do censor comete os seus usuais desmandos.

De ouvido a ouvido, conta-se a história de tenebrosos acontecimentos reais ou imaginários e também se tecem intrigas e fábulas que darão origem a futuras procelas.

Que importa que os jornais sejam obrigados a tapar os brancos da censura, se os leitores percebem, por um instinto seguro, o logro de que são vítimas?

Castelar, num dos seus grandes discursos, bradou:

«Sem a liberdade de imprensa, o povo está sempre sob a ameaça da opressão!»

De O Diário de Notícias é contra a censura, mas a Moagem que é seu proprietário não quer desagradar à situação com recio de que não lhe deixem, os senhores da hora, por revindicta, vender o pão, falsificado na qualidade e roubado no peso.

A-pesar-disso não deixou de acentuar que a censura era um erro—fe-lo duma maneira semelhante à do nosso artigo de fundo de ontem, embora com mais páfida adjectivação e mexos vivacidade de prosa:

«Devemos, porém, dizer ao governo com absoluta lealdade, que não temos confiança segura nos resultados dessa providência. Não podendo os jornais fazer comentários ou sequer noticiar muitos dos factos da vida política, esses factos serão narrados ao sabor das conveniências e paixões de cada um, nos cafés, nos centros de cavaco, nas conversações dos particulares. Sobre eles forjar-se-ão os boatos mais inverosímeis e exagerados, que não poderão ser desfeitos publicamente de um modo eficaz e tornarão aqueles factos, mesmo aos mais sinceros e desapassionados, odiosos e revoltantes. E' este o grande perigo da censura à imprensa. Desaparece a discussão à luz do dia, com ideias e documentos de uma

autoridade. Ora, fora da autoridade, só há outro laço capaz de criar e conservar organismos colectivos humanos: é a solidariedade.